ISSN: 2358-8829

PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E DECOLONIALIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PRAXIS ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA.

Jacksiel da Silva Maximino [1]
Josias de Castro Galvão [2]
Renata Pereira da Silva [3]

INTRODUÇÃO

A Geografia pode ser entendida como uma ciência que estuda as relações e dinâmicas da vida com o espaço e tudo aquilo que o compõem, de forma material e imaterial. A produção do espaço surge dessa interação entre homem, meio e a sua existência.

Todavia, a produção espacial enquanto um processo, muitas vezes ocorre de forma desigual e excludente, marcado pela forte influência do capitalismo, naturalizada ao longo do tempo pelas dinâmicas socioespaciais. Assim, o espaço deve ser compreendido como movimento e processo, funcionando como condição, meio e resultado da reprodução da sociedade. Essa perspectiva permite entender diferentes dimensões da realidade, como as esferas econômica, política e social, além dos conflitos presentes no cotidiano, conforme discute muitas vezes a geógrafa da USP (Universidade de São Paulo), a professora e pesquisadora Ana Fani, que estuda a produção do espaço e o meio urbano a muitos anos.

Em suas pesquisas sobre a produção espacial, a mesma destaca que;

> Pensar a produção do espaço como imanente à produção da sociedade no movimento (histórico) de sua reprodução. Trata-se portanto, pensar a produção do espaço em seus fundamentos sociais, isto é, a produção do espaço inserida no conjunto de produções que dão conteúdo à vida humana. (Carlos, 2016, p . 09).

[1] Mestrando em Geografia pelo programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba - PPGG/UFPB. Especialista em Geografia Populacional, Urbana e Econômica pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo - FAMEESP. E-mail: jacksielsilva079@gmail.com.
[2] Doutor em Geografia pelo programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Professor de Pós-graduação em Geografia na Universidade Federal da Paraíba - PPGG/UFPB. E-mail: josiascastro@uol.com.br.
[3] Mestranda em Geografia pelo programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba - PPGG/UFPB. Especialista em Geografia Populacional, Urbana e Econômica pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo - FAMEESP. E-mail:renattasiilva3715@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

Dessa maneira, torna-se fundamental refletir sobre como as populações negras estão inseridas nessa dinâmica de produção do espaço, especialmente no espaço urbano, onde esse processo se manifesta de forma mais concreta e visível, logo, é indispensável olhar o "racismo como máquina que produz, realimenta e retroalimenta as desigualdades no país. [...] numa abordagem socioeconômica [...] dos privilégios [...] mantendo e reforçando as desigualdades" (Theodoro, 2022, p. 12).

Em suma, a Geografia tem grande importância social diante dessa discussão, seja ela no campo científico ou educacional, entregando à sociedade um pensar mais crítico sobre a realidade dos espaços vividos e suas controvérsias, principalmente diante das diásporas etnico-racial.

Por fim, em sintese, o estudo do artigo busca articular a Geografia Urbana e o ensino de Geografia, buscando pensar sobre a ótica decolonialista o ser negro na sociedade brasileira. O desenvolvimento do estudo é de cunho qualitativo, tendo por abordagem metodológica o Materialismo Histórico-Dialético, articulando uma reflexão educacional a partir de aulas de campo desenvolvidas no Quilombo Caiana dos Crioulos em Alagoa Grande - PB, por meio do locus do ensino de Geografia.

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E A DECOLONIALIDADE: REFLEXÕES DIASPÓRICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA.

A produção do espaço urbano é um dos fenômenos mais estudados pela Geografia atual. Tal produção espacial pode ser compreendida como um processo dinâmico, no qual sua composição é fortemente modelada por vários agentes, tais como a política, a cultura, a economia, a religião, entre outros elementos socioespaciais, segundo (Carlos, 2016).

"Como ponto de partida para a análise, a Geografia nos coloca diante da necessidade de pensar o espaço em sua complexidade" (Carlos, 2016, p. 18), uma vez que, entender a dinâmica que constitui a produção espacial, no qual tem por resultado o urbano, chega-se a análise do chamado "espaço vivido" (Serpa, 2019, p. 84).

> O espaço é aqui compreendido como uma dimensão social, como materialização das relações sociais. [...] A reflexão sobre o espaço urbano, na atualidade, evidencia as transformações, [...] no qual o espaço ganha importância como ativo. [...] Nesse contexto de transformações, o espaço, [...]

ISSN: 2358-8829

> é sobretudo, um espaço de conflitos, de disputas entre diferentes sujeitos sociais. [...] produzindo a cidade como mercadoria com a finalidade específica de reprodução, [...] os movimentos sociais que se confrontam [...] e atuam, [...] a produção como [...] elementos concretos da vida cotidiana (Carlos, 2017, p. 81).

Com efeito, no tocante às análises feitas pela a Geografia, observa-se que "dentre os vários agentes que produzem o espaço urbano, destaca-se o Estado, que tem presença marcante na produção" (Rodrigues, 2024, p. 20) socioespacial, em contraponto, é importante destacar que "[...] o espaço, é a acumulação desigual de tempos" (Santos, 2021, p. 09).

Diante disso, a educação, especialmente no âmbito do ensino de Geografia, desempenha um papel de suma importância na construção de uma percepção crítica do espaço habitado, vivido e, sobretudo, produzido socialmente. Nesse sentido, o ensino de Geografia possibilita questionar a realidade para além dos livros, permitindo observar as desigualdades, as problemáticas que permeiam a vida cotidiana e as lacunas existentes na sociedade, bem como compreender a estruturação e a organização do mundo a partir de um olhar crítico, reflexivo e questionador.

Imagem 01: **Aula de campo na pós-graduação em Geografia realizada pelo grupo de pesquisa GESTAR/UFPB no quilombo Caiana dos Crioulos - PB.**	**Imagem 02:** **Aula de campo da disciplina de Geografia no ensino fundamental anos finais, realizada no quilombo Caiana dos Crioulos - PB.**
	
Fonte: Acervo pessoal dos autores (2025).	**Fonte:** Acervo pessoal dos autores (2026).

Para Paulo Freire (2021), somente o conhecimento crítico é capaz de promover grandes mudanças ao combater as desigualdades na sociedade, uma vez que, a

educação apresenta um viés revolucionário, capaz de transformar o mundo por meio de seu papel social, cuja essência consiste em:

> resistência ao descaso [...] não se trata obviamente de impor à população [..] que se rebele, que se mobilize, que se organize para defender-se [...] Trata-se, na verdade [...] desafiar os grupos populares para que percebam, em termos críticos, a violência e a profunda injustiça que caracterizam sua situação concreta. Mais ainda, que sua situação concreta (a realidade) não é destino certo ou a 'vontade de Deus' (Freire, 2021, p. 76-77).

Nesse sentido, o ensino de Geografia assume uma função essencial na formação de sujeitos críticos e reflexivos, ao possibilitar a compreensão das relações socioespaciais, das desigualdades e das contradições que permeiam a sociedade, contribuindo para a construção de uma leitura crítica da realidade e para a transformação social. Sobretudo, torna-se importante decolonizar o ensino de Geografia, inserindo o sujeito negro nessas reflexões e reconhecendo "as condições de subalternidade negra no presente" (Azevedo, 2022, p. 43).

Assim sendo, é importante que "tenhamos ciência de como se produz e reproduz o espaço em territórios que podem ser construídos como lugares da redenção ou da opressão" (Rodrigues; Marques , 2018, p. 19), produzindo espaços de (re)existência ou marginalizando grupos, tal como acontece com os povos de comunidades tradicionais no país, a exemplo dos territórios quilombola.

> ratificamos aqui o entendimento de que os quilombos apresentam uma condição, um modo de vida e uma organização social cuja formação remete à história da ancestralidade dos negros, negras e seus descendentes, até as gerações contemporâneas, e devem ser entendidas considerando-se os desdobramentos históricos (Rodrigues; Marques , 2018, p. 22).

Em suma, inserir o fator racial nos estudos sobre a produção do espaço, sobretudo nas aulas de Geografia, contribui para a prática de um ensino antirracista, que em diálogo com a decolonialidade, essa perspectiva não apenas busca desmantelar as estruturas sociais marcadas pelo racismo, que historicamente marginalizam a população negra em nosso país, mas também promove o enfrentamento constante dessas estruturas. Isso porque, conforme Silvio Almeida (2022), o racismo constitui uma cicatriz velada na sociedade brasileira, que pode ser suavizada, mas não se extingue devido ao nível de profundidade alcançado historicamente pelo racismo de modo sistemático e estrutural.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O percurso metodológico do presente estudo fundamenta-se na abordagem qualitativa, tendo como método de análise o Materialismo Histórico-Dialético, que possibilita compreender a produção do espaço a partir das relações históricas, sociais, políticas e econômicas que constituem a realidade.

> Desse modo, o ponto de vista marxista - que permite pensar o mundo enquanto prática, enquanto processo de transformação de si mesmo, como movimento ininterrupto da sociedade, como sujeito realizando-se - permite aos geógrafos rever, criticamente, suas ideias sobre a relação homem e meio. (Carlos, 2016, p. 69).

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a produção do espaço, o ensino de Geografia, a decolonialidade e as relações étnico-raciais, buscando estabelecer uma fundamentação teórica para a compreensão das dinâmicas socioespaciais. Em seguida, foram consideradas as aulas de campo desenvolvidas no Quilombo Caiana dos Crioulos, localizado em Alagoa Grande-PB, como possibilidade de articulação entre os conhecimentos teóricos e a realidade socioespacial por meio da comunidade quilombola como um território etnico racial.

Nesse processo, o ensino de Geografia surge como um caminho de reflexão educacional, social e espacial, permitindo observar as formas de apropriação, organização e produção do espaço, bem como as relações sociais e as possíveis desigualdades que atravessam a produção do espaço e do território.

Por fim, as observações produzidas ao longo do percurso investigativo foram obtidas por meio de aulas de campo produzidas em duas escalas. Primeiro em meio às atividades do grupo de pesquisa GESTAR (Gestar: Laboratório de estudos do Território, da Cultura e Etnicidade), criado pela professora aposentada Dr.ª Maria de Fátima Ferreira Rodrigues em 2006, vinculado ao programa de pós-graduação em Geografia na Universidade Federal da Paraíba (PPGG/UFPB), e que atualmente, após 20 anos de fundação, segue sob a coordenação do professor Dr. Josias de Castro Galvão e da professora Dr.ª Amanda Christinne Nascimento Marques.

Em segundo momento, foi produzido observações em uma aula de campo da disciplina de Geografia na educação básica, mais precisamente no ensino fundamental anos finais, realizado pelo professor e mestrando pelo PPGG/UFPB, Jacksiel da Silva

ISSN: 2358-8829

Maximino, tambem no quilombo de Caiana com os alunos do 9º ano pertencentes da Escola em Tempo Integral Prefeito Epitácio Dantas, oriunda do município de Mari-PB.

Em suma, os dados foram analisados à luz do Materialismo Histórico-Dialético, em diálogo com a perspectiva decolonial, buscando compreender as contradições socioespaciais, as relações de poder e as formas de (re)existências presentes no território quilombola de Caiana dos Crioulos no interior do estado da Paraíba.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das discussões desenvolvidas ao longo deste estudo, é possível estabelecer um diálogo com as considerações apresentadas pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2021, conforme divulgado pelo portal CNN Brasil, que já alertava para a persistência do racismo como um dos fatores estruturantes da produção de desigualdades sociais e socioespaciais, contribuindo para a marginalização de determinados grupos e para a manutenção de disparidades no uso e ocupação do espaço urbano, sendo evidenciado por estudos como;

> Um relatório produzido pelo Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas (ONU), identificou um racismo sistêmico contra negros no Brasil, e em outros países do mundo. O documento aponta dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que afirmou que, em 2019, a mortalidade de pessoas negras em intervenções policiais era 183% maior do que de pessoas brancas (CNN Brasil, 2021).

Dados como esses permitem compreender como o racismo interfere na dinâmica de uso e ocupação do solo urbano, condicionando o acesso da população negra aos espaços da cidade e evidenciando as desigualdades que dificultam a efetivação do direito à cidade no Brasil, sob uma perspectiva de justiça socioespacial.

Nesse sentido, a prática Decolonialista dentro do ensino de Geografia, contribui não apenas para uma educação antirrassista, mas propicia o fortalecimento da luta negra no país por dignidade, e principalmente, no acesso aos direitos comuns de todo cidadão, como a segurança pública e o direito de fala.

visto que, para alguns pesquisadores da questão racial no país, esse último ponto apresentado, o direito de fala, ou seja, o direito de ser ouvido, reverbera sobre o direito de existir ou não, simbolicamente, quando alguém é silenciando, esse direito passa a ser

negado ao sujeito em questão, em particular, corriqueiramente isso acontece com um grupo seleto, de modo particular, ocorrendo com mais frequencia com o sujeito negro.

> O racismo tem, portanto, duas funções ligadas ao poder do Estado: a primeira é a de fragmentação, de divisão no contínuo biológico da espécie humana, introduzindo hierarquias, distinções, classificações de raças. O racismo estabelecerá a linha divisória entre superiores e inferiores, entre bons e maus, entre os grupos que merecem viver e os que merecem morrer, entre os que terão a vida prolongada e os que serão deixados para a morte, entre os que devem permanecer vivos e os que serão mortos. E que se entenda que a morte aqui não é apenas a retirada da vida, mas também é entendida como a exposição ao risco da morte, a morte política, a expulsão e a rejeição (Almeida, 2022, p. 155).

Concomitante a isso, emerge o termo de *Necropolítica,* no qual, objetivamente consiste em um sistema político-administrativo soberano ao ponto que se estende para além da administração do território físico e geográfico, mas passa a exercer também um poder soberano que exerce "controle sobre a mortalidade e define a vida como implantação e manifestação de força e poder" (Mbembe, 2018, p. 05).

Operação policial violenta ocorrida na favela Vila Cruzeiro no complexo da Penha - Rio de Janeiro - 28 de outubro de 2025.





Fonte: Diario de Pernambuco (2025).

Com efeito, a violência, seja ela física ou político-administrativa, manifesta-se de maneira mais significativa em espaços predominantemente ocupados pela população negra, como favelas, periferias, aglomerados subnormais nas cidades (população pobre com moradias irregulares), territórios remanescente de quilombos, entre outros.

Essa realidade suscita importantes questionamentos a serem abordados nas aulas de Geografia: em que medida o planejamento urbano reproduz desigualdades raciais? É possível identificar a existência de um racismo territorial na organização e na gestão do uso e da ocupação do espaço geográfico produzido? Diante dessas questões, torna-se necessário considerar o sujeito negro no ensino de Geografia, reconhecendo sua participação na produção do espaço e na construção histórica da sociedade. Nesse sentido, decolonizar a educação representa também uma forma de luta social, ao questionar estruturas de poder historicamente estabelecidas e contribuir para a construção de um ensino comprometido com a equidade racial e a justiça socioespacial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a presente pesquisa buscou analisar o processo de produção do espaço urbano no contexto da realidade brasileira, refletindo diaspóricamente sobre as condições de acesso da população negra à cidade e sobre as problemáticas sociais que contribuem para as situações de negligência enfrentadas por esse grupo em específico.

A partir das discussões desenvolvidas, espera-se ampliar as reflexões acerca da produção do espaço sob uma perspectiva decolonial, articulando os conceitos de espaço e território no debate geográfico, especialmente na busca pela compreensão das condições de vulnerabilidade às quais determinados grupos sociais estão submetidos.

Diante disso, o estudo buscou compreender como o racismo contribui para a segregação socioespacial da população negra no Brasil e de que maneira essas desigualdades se perpetuam na organização e na produção do espaço, refletindo a discussão levantada, a partir de aulas de campo de Geografia em um território etnico racial, em parceria com a comunidade quilombola de Caiana dos crioulos.

Palavras-chave: Produção do Espaço, Decolonialidade, Educação Geografica Antirracista, Geografia Urbana, Ensino de Geografia.

.

AGRADECIMENTOS

É com imensa gratidão que expressamos nosso sincero agradecimento coletivo à comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, pela acolhida e receptividade em cada visita educacional e científica, recebendo-nos em seu território juntamente com alunos e professores.

Assim como também pela parceria a cada um dos co-autores deste trabalho, em especial ao meu professor orientador do mestrado, o professor Dr. Josias de Castro Galvão, por tamanhas contribuições, bem como por sua gentileza e atenção todas as vezes que fui a sua procura em busca de ajudas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**: Femininos Plurais. 1° ed. São Paulo-SP: Ed. Jandaíra, 2022.

AZEVEDO, Luiz Maurício. **Afromarxismo:** Fragmentos de uma teoria literária prática. 1º ed. Porto Alegre-RS: Ed. Sulina, 2022.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Condição Espacial**. 1°ed. São Paulo-SP: Ed.Contexto, 2016.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; ALVES, Glória; PADUA, Rafael Faleiros. **Justiça Espacial E O Direito À Cidade.** 1° ed. São Paulo-SP: Ed.Contexto, 2017.

CNN, Elis Barreto. Relatório do Alto Comissariado da ONU aponta 'racismo sistêmico' no Brasil. **Jornal CNN BRASIL**, 2021. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/relatorio-do-alto-comissariado-da-onu-aponta-racismo-sistemico-no-brasil/. Acesso em: 24 Out. 2026.

FREIRE, Paulo. **Ensinar Exige a Convicção De Que A Mudança É Possível**. *In:* Pedagogia Da Autonomia. 69° ed. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro-RJ, 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica:** Biopoder, Soberania, Estado de exceção, Política da Morte**.** 1º ed. São Paulo-SP: Ed. N-1 Edições, 2018.

PERNAMBUCO, Diario. Pablo Porciúncula. Megaoperação Rio de Janeiro: "Isso não foi operação, foi chacina", diz moradora de comunidade. **Diario de Pernambuco,** 29 Outubro de 2025. Disponivel em: https://share.google/MCV23cT7NewtrO37n. Acesso em: 24 Out. 2026.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia Nas Cidades Brasileiras.** 10º ed. São Paulo-SP: Ed.Contexto, 2024.

RODRIGUES, Maria de Fátima Ferreira; MARQUES, Amanda Christinne Nascimento. **A Geografia Dos Povos Tradicionais:** Marcos Legais e Construções Sociais. 1º ed. João Pessoa-PB : Ed.UFPB, 2018.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem.** 5° ed. São Paulo-SP: Ed.edusp, 2021.

SERPA, Ângelo. **Por Uma Geografia Dos Espaços Vividos:** Geografia e Fenomenologia. São Paulo-SP: Ed.Contexto, 2019.

THEODORO, Mário. **A Sociedade Desigual:** Racismo e branquitude na formação do Brasil. Rio de Janeiro-RJ: Ed. Zahar, 2022.